

Escola Secundária José Falcão

Círculo de Coimbra

Projecto de Recomendações

O processo de desenvolvimento da jovem EU – 50 anos, em História, é um curtíssimo espaço de tempo – nem sempre tem sido fácil. E, convém não esquecer que, na actual globalização, qualquer problema mundial é também um problema europeu. O terrorismo, a recessão económica, a diminuição da taxa de natalidade, o desemprego, a poluição, o aumento das pessoas infectadas com SIDA, principalmente em África, entre muitas outras, são questões de grande complexidade e para os quais é urgente encontrarem-se caminhos eficazes de solução.

É nossa convicção de que só uma Europa unida, forte e jovem poderá vencer tais desafios e proporcionar um futuro digno aos europeus. O envelhecimento das populações é preocupante. O Departamento para a população da O.N.U. prevê que a população europeia decresça 13% entre 2000 e 2050. Contraditar esta tendência é, talvez, um dos maiores desafios que se coloca à União Europeia. Embora o remédio não possa ser reduzido à mera perspectiva económica, pensamos que incentivos desta índole poderão ajudar a invertê-la. Na verdade, a inflação, os baixos salários e o desemprego são desmotivadores para a constituição de famílias numerosas. Efectivamente, a maioria dos países europeus vê-se com uma população envelhecida que, já sem capacidade produtiva, ainda tem, merecidamente, o apoio dos sistemas de segurança. Mas, os jovens de hoje terão esses apoios na sua velhice? Ficarão à mercê de sistemas privados, cuja preocupação fundamental será o seu próprio lucro? Há que fazer regredir esta situação. Só o aumento da população poderá levar a Europa a crescer economicamente. A emigração, embora ajude ao seu rejuvenescimento, traz consigo problemas de grave conflitualidade que, portanto, urge controlar através de políticas de integração realistas. Por outro lado, a deslocalização de inúmeras empresas europeias e de multinacionais para países onde o custo da mão-de-obra é mais baixo, devido ao total desrespeito pelos Direitos Humanos, tem feito crescer a taxa de desemprego. A entrada de produtos desses países a preços excessivamente baixos, a maioria de qualidade duvidosa, com os quais os produtos nacionais não podem competir, conduz, conseqüentemente, à agudização de toda esta situação. É verdade que a Europa não pode fechar as portas aos mercados desses países, pois também eles são mercados importantes para o escoamento dos nossos produtos. Contudo, é necessário ter sistemas de controlo, a fim de os benefícios não serem completamente anulados pelos prejuízos.

Outro desafio que se coloca à Europa é a erradicação das doenças infecto-contagiosas, nomeadamente da SIDA. Se, em certa medida, a questão parece estar sob controlo nos países da União, a verdade é que só na Europa ocidental e central estavam recenseados 760.000 casos, segundo a ONUSIDA/OMS. Embora estes números nos assustem, eles são, porém, inexpressivos quando comparados com os mundiais: 33,2 milhões. O continente mais flagelado é, sem dúvida, o africano: 22,5 milhões! E o que é ainda mais preocupante é que a situação

parece ter tendência a agravar-se, pois em 2000 eram 20,9 milhões. Como já referimos, os problemas não podem ser equacionados só numa dimensão europeia. Por isso, pensamos que para reverter a situação é urgente actuar em África. E isto não só por uma questão de egoísmo eurocêntrico, mas também porque, historicamente, temos, pelo menos parte dos países da União Europeia, grandes dívidas para com estes povos. É fundamental, na construção do futuro, o constante apelo à memória e, portanto, termos presente o passado colonialista. Aliás, a Cimeira EU-África, que teve lugar recentemente em Lisboa, é reflexo desta preocupação. Um dos temas em debate foi a “cooperação para o desenvolvimento”. Mas, será possível um real desenvolvimento numa região tão afectada com problemas de saúde?

O nosso futuro depende da nossa participação no presente. Só assim a Europa poderá abrir um caminho de possibilidades. A Escola Secundária José Falcão recomenda, pois, as seguintes medidas:

1. Criação de mais postos de emprego, e mais bem remunerados, como incentivo ao aumento da taxa de natalidade.
2. Cooperar de forma eficaz numa política de saúde que erradique doenças infecto-contagiosas, nomeadamente o vírus HIV/SIDA, não só na Europa, mas, especialmente, em África.
3. Efectuar um controlo cerrado, tendo em conta os padrões de qualidade da U.E., aos produtos importados, principalmente os vindos de países que não respeitem os Direitos Humanos, nomeadamente da China.

Escola Secundária José Falcão, 25 de Janeiro de 2008